

# POESIA ANTIGA EM TRADUÇÃO: MULHERES FAZENDO A DIFERENÇA

*ANCIENT POETRY IN TRANSLATION:*

*WOMEN MAKING A DIFFERENCE*

Renata Cazarini de Freitas 

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

## Resumo

O recente movimento no meio acadêmico e editorial anglófono de mulheres traduzindo e publicando literatura antiga de matrizes greco-romanas tem feito vir à tona passagens poéticas que expõem a violência existente nesses textos, tanto agressões sexuais como emocionais e epistêmicas. As traduções de Homero e de Ovídio publicadas por Emily Wilson (2017) e Stephanie McCarter (2022), respectivamente, revelam seu ativismo contra o patriarcado e a misoginia, além da abertura para discutir os processos de trabalho com o grego antigo e o latim – posturas que as situam como intelectuais da escrita, a identidade que a/o profissional da tradução vai conquistando no século XXI. Esse novo contexto revela maior aceitação do texto traduzido marcadamente feminista e instiga o debate sobre a prática tradutória como atividade crítica e transformadora.

**Palavras-chave:** tradução feminista; Estudos Clássicos; Homero; Ovídio.

## Abstract

The recent movement in the English-speaking academic and publishing world of women translating and publishing ancient literature from Greco-Roman sources has brought to light poetic excerpts that expose the violence inherent in these texts, including sexual, emotional, and epistemic aggression. The translations of Homer and Ovid published by Emily Wilson (2017) and Stephanie McCarter (2022), respectively, reveal their activism against patriarchy and misogyny, as well as their openness to discussing the processes of working with ancient Greek and Latin – positions that situate them as intellectuals of writing, the identity that translation professionals are acquiring in the 21st century. This

## Resumen

El reciente movimiento en el medio académico y editorial anglófono de mujeres que traducen y publican literatura antigua de orígenes grecorromanos ha sacado a la luz pasajes poéticos que exponen la violencia encontrada en estos textos, tanto la agresión sexual como emocional y epistémica. Las traducciones de Homero y Ovidio publicadas por Emily Wilson (2017) y Stephanie McCarter (2022), respectivamente, revelan su activismo contra el patriarcado y la misoginia, además de su apertura a discutir los procesos de trabajo con el griego antiguo y el latín, posturas que las posicionan como intelectuales de la escritura, la identidad que el profesional de la traducción está conquistando

new context reveals a greater acceptance of the markedly feminist translated text and instigates the debate on translating practice as a critical and transformative activity.

**Keywords:** feminist translation; Classical Studies; Homer; Ovid.

en el siglo XXI. Este nuevo contexto revela una mayor aceptación del texto traducido marcadamente feminista e instiga el debate sobre la práctica de la traducción como una actividad crítica y transformadora.

**Palabras clave:** traducción feminista; Estudios Clásicos; Homero; Ovidio.

## Dando o contexto

A tradução de textos canônicos de matrizes greco-romanas passa, nos últimos anos, por um abalo que reorganiza a correlação de forças no mundo editorial e, em certa medida, no universo acadêmico. O marco temporal, se é preciso estabelecer um para os anais da história da cultura, é a primeira tradução direta do grego antigo da *Odisseia*, poema épico de Homero, publicada em inglês por uma mulher, a britânica Emily Wilson, professora da Universidade da Pensilvânia (EUA) e pesquisadora dos estudos clássicos, em 2017 – o que, considerando-se o arco temporal desse campo de estudos, é como se fosse ontem.<sup>1</sup>

A grande imprensa estadunidense acolheu a publicação logo no seu lançamento. O encarte dominical *The New York Times Magazine* referiu-se a ela como “uma voz radicalmente contemporânea” (Mason, 2017, tradução nossa). A celebrada revista *The New Yorker* concedeu à tradutora vitrine para explicitar seu engajamento:

Leio o grande poema de Homero como uma verdadeira e complexa articulação da dinâmica de gêneros que continua a nos assombrar. A *Odisseia* delineia medos masculinos profundos quanto ao poder feminino e mostra o terrível dano feito às mulheres – e, talvez, também aos homens – pelas estruturas sociais androcêntricas que nos mantêm silenciosas e cerceadas (Wilson, 2017, tradução nossa).<sup>2</sup>

O abalo é perceptível desde o próêmio, quando a tradutora torna evidente nosso contexto contemporâneo de recepção do texto antigo e como ela mesma se insere no tempo presente, refutando a invisibilidade de sua tarefa:

<sup>1</sup> Em 2016, foi publicada a primeira tradução da *Iliada* por uma mulher em inglês, de Caroline Alexander. Emily Wilson publicou sua versão da *Iliada* em 2023. As traduções para o português são da autora do artigo.

<sup>2</sup> No original: “I read Homer’s great poem as a complex and truthful articulation of gender dynamics that continue to haunt us. The *Odyssey* traces deep male fears about female power, and it shows the terrible damage done to women, and perhaps also to men, by the androcentric social structures that keep us silent and constrained”.

“Agora, deusa, filha de Zeus, conta a velha história para os nossos tempos modernos” (Canto I, versos 9-10: “*Now goddess, child of Zeus, tell the old story for our modern times*”). A invocação à musa, elemento compositivo da épica como se vê em Homero, Virgílio e Camões, expõe o anseio também da tradutora, não apenas o do narrador. O disparador desse efeito de sentido é o verso inicial do próêmio em inglês, isolado, informal e disruptivo: “Me fala de um homem complicado” (Canto I, verso 1: “*Tell me about a complicated man*”). Wilson põe em dúvida a figura do herói, que a leitora vai reconhecer como um aventureiro, enquanto outros tradutores optam por atributos heroicos associados ao personagem homérico, tais como “astucioso”, “astuto”, “versátil”, “multiversátil”, para ficar entre alguns mais recentes utilizados em língua portuguesa.<sup>3</sup>

Essa delicada dinâmica de gêneros da poesia grega antiga espalha-se para a literatura romana, escrita em latim, sendo o expoente máximo dos chamados “temas sensíveis” o escritor Ovídio (47 AEC-18 EC), autor das *Metamorfoses*, extenso poema sobre mitos de transformação e etiológicos muito famoso, além do repertório de obras mais breves que apregoam estratégias de sedução para chegar ao intercurso sexual. A instrumentalização da poesia ovidiana por grupos masculinistas e misóginos da *internet*, atores sociais da extrema-direita nos Estados Unidos, foi denunciada no livro *Not all dead white men: classics and misogyny in the digital age* [em tradução livre: *Nem todos os homens brancos mortos: clássicos e misoginia na era digital*], de autoria de Donna Zuckerberg (2018), ativista com formação em estudos clássicos (e irmã de Mark Zuckerberg). Para a chamada “*manosfera*” [*manosphere*], trata-se de tomar emprestado o prestígio de textos considerados canônicos e aplicar essa demão de verniz intelectual no seu discurso para angariar autoridade.

Já no ambiente acadêmico, a ação estudantil é a de repelir Ovídio. Madeleine Kahn, professora do Mills College, na Califórnia (EUA), deparou-se com alunas questionando a validade de ler as *Metamorfoses*, que tacharam de “um manual de estupro”. Seu relato do abalo que sofreu sua prática pedagógica em uma faculdade para jovens mulheres em São Francisco, uma das cidades estadunidenses mais progressistas, tem como ponto de partida a leitura de uma tradução. No artigo, depois convertido em livro, “*‘Why are we reading a handbook on rape?’ Young women transform a classic*” (em tradução livre: *‘Por que estamos lendo um manual de estupro?’ Jovens mulheres transformam um clássico*), Kahn (2004) confessa sua surpresa diante da reação de uma aluna:

---

<sup>3</sup> Uma extensa lista em inglês, muito variada, mas ainda assim mais elogiosa, pode ser conferida no artigo da *The New York Times Magazine*: <https://www.nytimes.com/2017/11/02/magazine/the-first-woman-to-translate-the-odyssey-into-english.html>. Acesso em: 11 fev. 2025.

Baixei os olhos para o texto das *Metamorfoses*, aberto sobre a mesa à minha frente, me perguntando se havia me escapado alguma coisa que tinha levado Maria a alegar que Ovídio estava humilhando as mulheres. Era a história de Eco e Narciso como eu me lembrava dela, nos versos fáceis da tradução de Rolfe Humphrie (1955). [...] Nada tinha mudado no texto, então algo deve ter mudado na sala de aula sem que eu percebesse. Senão, como é que poderíamos ter passado tão rapidamente de uma análise das metáforas interligadas que Ovídio usa ao descrever Eco e Narciso para a acusação de Maria de que o texto é abusivo contra as mulheres? (Kahn, 2004, p. 438-439, tradução nossa).<sup>4</sup>

O poema latino de 12 mil versos narra 250 mitos, sendo mais de 50 episódios de violência sexual, em geral estupros de figuras femininas por deuses, frequentemente naturalizados na tradução, como denuncia Stephanie McCarter (2018), docente na Universidade do Sul em Sewanee, no Tennessee (EUA), no ensaio “*Rape, lost in translation*” (em tradução livre: “Estupro, perdido na tradução”). Ela diz: “É angustiante como um estupro violento se transforma levemente num galanteio insistente” (McCarter, 2018, tradução nossa).<sup>5</sup> Como exemplo, o verso 233 do Livro IV das *Metamorfoses* e a respectiva tradução de Frank Justus Miller, publicada na coleção *Loeb Classical Library*, em 1916, e não atualizada: “*victa nitore dei posita vim passa querella est*” / “*at last without protest suffers the ardent wooing of the god*” [do inglês: “por fim, sem protestar, sofre o cortejo ardente do deus”]. Como McCarter argumenta, com boa fundamentação, “*vim passa... est*” significa “estuprada” (em inglês, “*raped*”), mas Miller traduz o trecho como “*ardent wooing*”, isto é, “cortejo ardente”. McCarter publicou sua tradução engajada das *Metamorfoses* em 2022, na qual se compromete a tratar com clareza e responsabilidade as cenas de estupro e agressão sexual, com manifesta aceitação da mídia e da comunidade acadêmica.<sup>6</sup>

Em um contexto educacional avesso ao cânone clássico, sendo repudiado não só pela violência contra a mulher, mas também pela violência epistêmica, traduções engajadas e outras iniciativas acadêmicas buscam, senão confrontar, ao menos encarar essa resistência do corpo discente.

A Universidade de Colúmbia, em Nova York (EUA), testemunhou em 2015 uma mobilização estudantil criticando a seleção do livro e a ausência de

<sup>4</sup> No original: “*I looked down at the text of Ovid’s Metamorphoses (1955), open on the desk in front of me, wondering if I’d missed something that had led Maria to claim Ovid was demeaning women. The story of Echo and Narcissus was still there as I remembered it, in the neat verse lines of Rolfe Humphrie’s translation. [...] Nothing had changed in the text. So something must have changed in the class without my knowing it. Otherwise how could we have moved so quickly from an examination of the linked metaphors Ovid uses to describe both Echo and Narcissus to Maria’s charge that the text abuses women?*”.

<sup>5</sup> No original: “*It is distressing how breezily violent rape becomes insistent courting*”.

<sup>6</sup> Uma resenha equilibrada e ainda assim muito elogiosa é a do renomado classicista Richard J. Tarrant (2024), editor do texto latino das *Metamorfoses* mais adotado.

alertas de gatilho (*trigger warnings*) na abordagem das *Metamorfoses*. Segundo o diário *The Wall Street Journal*, os estudantes afinal conseguiram incorporar à lista de leituras obrigatórias uma obra de Toni Morrison (Vilensky, 2015). Em 2023, o pesquisador, docente e tradutor Gareth D. Williams lançou, pela coleção *Core Knowledge* da Columbia University Press, um manual que se propõe a

[...] capturar algo da energia e da excitação que o poema de Ovídio tende a provocar na sala de aula, mas também explorar alguns dos caminhos pelos quais essa obra mult centenária se comunica com uma audiência moderna na sua relevância humana e significação atemporais (Williams, 2023, p. ix, tradução nossa).<sup>7</sup>

As *Metamorfoses* integram o currículo do curso *Literature Humanities*, obrigatório para todos os ingressantes como ementa fixa do Columbia Core Curriculum.

Especialistas dos estudos clássicos como Williams e McCarter apresentam a obra como não conformista; pelo contrário, apresentam-na como desafiadora do *status quo*, com uma dose de rebeldia que a promoveria mais junto aos jovens leitores do século XXI. McCarter argumenta:

A inclusão de tantas histórias de estupro no épico sugere, de fato, que Ovídio sentia que tal violência era digna de uma avaliação crítica, assim como ele expõe repercussões negativas do heroísmo masculino ou do poder divino precisamente para questioná-los, não para celebrá-los (McCarter, 2022, p. xxix, tradução nossa).<sup>8</sup>

## Tradução marcada

No Brasil, ainda não foi publicada nenhuma tradução dos poemas homéricos realizada por uma mulher. O épico latino *Eneida*, de Virgílio, tem uma edição de 1966 em cotradução de Giulio Davide Leoni e Neyde Ramos de Assis, nunca reeditada. As *Metamorfoses*, de Ovídio, receberam em 2017 tradução coletiva em prosa, com a participação de três mulheres num grupo de quinze tradutores. Em 2023, saiu um novo texto traduzido

---

<sup>7</sup> No original: “[t]o capture some of the energy and excitement that Ovid’s poem tends to generate in the Core classroom, but also to explore some of the ways in which this centuries-old work speaks to a modern audience with a timeless human relevance and meaning”.

<sup>8</sup> No original: “The inclusion of so many stories of rape in the epic suggests, in fact, that Ovid felt such violence was worthy of critical interrogation, just as he shines a light on the negative repercussions of masculine heroics or divine power precisely in order to question, not celebrate, them”.

do latim, por Rodrigo Tadeu Gonçalves, docente na Universidade Federal do Paraná (UFPR), vocacionado para a leitura rítmica em versos metrificados, porém sem negligenciar questões sensíveis na obra. Lançado pela Penguin no Brasil, mesmo grupo editorial da tradução de McCarter nos EUA, o poema é bastante segmentado, além dos convencionais quinze “livros” do sumário, com intertítulos mais frequentes do que na versão inglesa; ainda assim, não chega a ousar tanto quanto ela. Diante do título “*Apollo Attempts to Rape Daphne*” (Apolo tenta estuprar Dafne), a edição brasileira traz: Febo mata Píton e vê Dafne, Febo persegue Dafne, Febo implora que Dafne ceda, Dafne torna-se um loureiro, Febo persiste “honrando” Dafne já tornada árvore (aspas no original).

O mito de transformação da ninfa virgem em um loureiro, árvore que fornece as folhas para a coroa de louros, é também etiológico, mas, acima de tudo, marca a primeira investida sexual violenta de uma longa série nas *Metamorfoses*, com a perseguição do deus Apolo/Febo atrás de Dafne, construída literariamente como uma caçada, já no primeiro “livro” da obra. É dessa agressão contra uma figura feminina que surge o mais reconhecido símbolo da “glória” masculina nos esportes, nas artes, na política, na guerra.

O referido tradutor brasileiro está bem ciente do atual contexto dos estudos clássicos e da “relevância da tradução de Wilson para percebermos que o que se considera tradução não marcada, sem viés de gênero – a masculina – talvez o seja simplesmente porque não fomos suficientemente confrontados com essa questão” (Gonçalves, 2019). Mas está claro que isso não basta. E ele não está só. O renomado classicista Richard J. Tarrant, em resenha elogiosa a McCarter, incomoda-se em particular com o título da referida passagem: “Alguns dos títulos interpolados poderiam ser criticados por imporem uma leitura específica de um episódio, talvez mais acentuadamente *Apollo Attempts to Rape Daphne*” (Tarrant, 2024, tradução nossa).<sup>9</sup> Fica evidente que a perspectiva feminina tende a alterar as coisas, como diz Yung In Chae (2017), colaboradora do interrompido *blog* feminista *Eidolon*, criado por Donna Zuckerberg.<sup>10</sup>

Lawrence Venuti, em artigo recente, advogando mais uma vez pela visibilidade do/a tradutor/a, insiste como a linguagem pasteurizada, livre de estranhamentos e tabus, esconde sua interferência e como, por outro lado, uma expressão trôpega (*bumpy locution*), principalmente num texto canônico, alimenta o receio de uma contaminação deliberada. Mas ele acredita também que o século XXI tirou a tradução literária das sombras no mundo anglófono, com publicações e premiações dando ao/à profissional uma identidade autoconsciente como intelectual da escrita. Ao exemplificar essas

<sup>9</sup> No original: “A few of the interpolated titles could also be criticized for imposing a particular reading of an episode, perhaps most conspicuously *Apollo Attempts to Rape Daphne*”. Veja também a nota 6.

<sup>10</sup> *Women Who Weave: Reading Emily Wilson’s Translation of the Odyssey*, with Margaret Atwood’s *The Penelopiad*, disponível em: <https://eidolon.pub/women-who-weave-c3a8dd322447>. Acesso em: 11 fev. 2025.

mudanças, Venuti menciona Wilson e McCarter, que não só traduzem como também escrevem sobre seu processo criativo:

Os sucessos notáveis – *Odisseia* de Emily Wilson (2017) e *Metamorfoses de Ovídio* de Stephanie McCarter (2022) – combinam pesquisa acadêmica e atenção ao estilo poético, interpretando textos canônicos de modo a colocar em primeiro plano a política de gênero (Venuti, 2023, tradução nossa).<sup>11</sup>

Como ele bem observa, trata-se de erudição, poesia e ativismo, tudo ao mesmo tempo.

Na esteira dos trabalhos exemplares de Wilson e McCarter, será apresentado a seguir um excerto do mito de Dafne traduzido do latim ao português pela autora (Quadros 1 e 2), em uma abordagem engajada que tem a ambição de explicitar a violência quando há violência, antes e acima de tudo. Como proposta de tradução feminista, cabe desmascarar o olhar de objetificação (*the objectifying gaze*). Na sua função de justiça social, tem que combater a naturalização do discurso autoritário. A tradução engajada de textos que exalam uma antiga ordem moral, hoje confrontada em seu supremacismo, patriarcalismo e misoginia, se, de um lado, reafirma o velho cânone literário ocidental pela iteração, de outro, aciona a leitura crítica de um conteúdo que ainda persiste nas muitas modalidades midiáticas do cenário cultural, ou seja, em filmes, séries, quadrinhos e jogos. Comentários virão logo depois, antecedidos pelo texto em latim conforme à edição de Tarrant (Ovídio, 2004).

#### Quadro 1. Excerto do mito de Dafne

	LASCÍVIA (Ov. Met. I 490-503)
490	Febo a deseja. Quando viu Dafne, quis tê-la. Tudo o que quer, confia ter. Prevê, mas erra. Como se queima a palha já livre da espiga, como a sebe incendeia ao acaso com tocha ou atizada à noite ou largada na aurora,
495	assim o fogo toma o deus, assim seu peito se abrasa e, confiante, nutre vã paixão. Fita seus fios revoltos pendentes no colo:

<sup>11</sup> No original: “*The notable successes – Emily Wilson’s Odyssey (2017) and Stephanie McCarter’s Metamorphoses by Ovid (2022) – combine academic research with an attentiveness to poetic style, interpreting canonical texts so as to foreground gender politics*”.

## Quadro 1. Cont.

	<p>“Se os penteasse!” Vê seus olhos como astros incandescentes. Vê o que só ver não basta...</p>
500	<p>seus beijos. Enaltece seus dedos e mãos, seus braços e seus ombros, nus na maior parte. Crê que o melhor se esconde. Ela vai mais veloz que a leve aragem, sem parar ao ser chamada:</p>
	<p>CAÇA (Ov. Met. I 504-524)</p>
505	<p>“Ninfa, te peço, espera! Não sou predador. Ninfa, espera! Assim foge uma ovelha do lobo, a corça, do leão, da águia, pombas trêmulas. Caça e caçador. É por paixão que te sigo! Ai de mim! Não tropeces ou firas as pernas em espinhos. Não seja eu causa de dor.</p>
510	<p>Acidentado é teu caminho. Corre menos, peço. Não fujas mais, te perseguirei menos. Busca saber a quem agradas: montanhês não sou, nem sou pastor ou rude guardião de rebanhos. Nem sabes, ousada, nem sabes</p>
515	<p>de quem foges, e foges. Delfos, Claros, Tênedos e o palácio real de Pátara me servem. É Júpiter meu pai. Revelo o que será, o que foi, o que é. Orquestro letra e lira. Minha flecha é certa; uma só mais certa:</p>
520	<p>a que me abriu feridas no peito vazio. Criei a medicina. No mundo, me chamam ‘salutar’. O poder das plantas é domínio meu. Ai de mim, que não tem cura esta paixão! Não me servem as artes que servem a todos.”</p>
	<p>A CAÇADA (Ov. Met. I 525-539)</p>
525	<p>Ele não cala a boca. Ela corre de medo. Fugiu e o deixou só com palavras sem fim... Parecia perfeita: o corpo se vestindo de vento, virações arrojavam o vestido, leve aragem lançava pra trás os cabelos.</p>



### Quadro 1. Cont.

530	Mais bela era na fuga. Já não pode mais usar a lábia o jovem deus e, sob o mando do desejo, pisando firme, segue a pista. É como quando o cão vê a lebre no campo: um corre pela presa, a outra, pela vida.
535	<b>O cão, no seu encalço, tem fé na conquista,</b> firma o focinho, põe-se no faro da pista. A lebre, sem saber se já foi pega ou não, safa-se das mordidas, evade as dentadas. Tal, deus e virgem: ágeis, por fé ou por medo.
A METAMORFOSE (Ov. Met. I 540-556)	
540	Porém o predador, com as asas do desejo, é mais veloz e não descansa: pelas costas chega nela e bafeja os fios da sua nuca. Sem forças, perde a cor e exausta do labor
544a	da brusca fuga, ao ver as águas paternais, diz: “Se rios sois divinos, me ajuda, meu pai:
547	desfigura a beleza que agradou demais!” Nem bem pediu, caiu num pesado torpor. Fina casca contorna seu torso macio,
550	crecem folhas dos fios, dos braços crescem galhos. Seu pé antes ligeiro se enrosca em raízes. Da face faz-se a copa: resta nela o brilho. Febo a deseja assim também. Toca no tronco, sente tremer ainda o peito sob a casca,
555	enlaça num abraço os ramos feito membros e beija o caule, beijos que o caule recusa.

### Quadro 2. Excerto do mito de Dafne

490	<i>Phoebus amat visaeque cupit conubia Daphnes, quodque cupit sperat suaque illum oracula fallunt, utque leves stipulae demptis adolentur aristas, ut facibus saepes ardent, quas forte viator vel nimis admovit vel iam sub luce reliquit,</i>
495	<i>sic deus in flammis abiit, sic pectore toto</i>

## Quadro 2. Cont.

	<i>uritur et sterilem sperando nutrit amorem. spectat inornatos collo pendere capillos, et 'quid si comantur?' ait. videt igne micantes sideribus similes oculos, videt oscula, quae non</i>
500	<i>est vidisse satis; laudat digitosque manusque brachiaque et nudos media plus parte lacertos; si qua latent, meliora putat. fugit ocior aura illa levi neque ad haec revocantis verba resistit:</i>
505	<i>'nympha, precor, Penei, mane! non insequor hostis; nympha, mane! sic agna lupum, sic cerva leonem, sic aquilam penna fugiunt trepidante columbae, hostes quaeque suos; amor est mihi causa sequendi. me miserum, ne prona cadas indignave laedi crura notent sentes et sim tibi causa doloris!</i>
510	<i>aspera, qua properas, loca sunt. moderatius, oro, curre fugamque inhibe, moderatius insequar ipse. cui placeas, inquire tamen; non incola montis, non ego sum pastor, non hic armenta gregesque horridus observo. nescis, temeraria, nescis,</i>
515	<i>quem fugias, ideoque fugis. mihi Delphica tellus et Claros et Tenedos Pataraeaeque regia servit; Iuppiter est genitor; per me, quod eritque fuitque estque, patet; per me concordant carmina nervis. certa quidem nostra est, nostra tamen una sagitta</i>
520	<i>certior, in vacuo quae vulnera pectore fecit. inventum medicina meum est, opiferque per orbem dicor, et herbarum subiecta potentia nobis. ei mihi, quod nullis amor est sanabilis herbis nec prosunt domino, quae prosunt omnibus, artes!'</i>
525	<i>Plura locuturum timido Peneia cursu fugit cumque ipso verba imperfecta reliquit, tum quoque visa decens. nudabant corpora venti, obviaque adversas vibrabant flamina vestes, et levis impulsos retro dabat aura capillos,</i>
530	<i>auctaque forma fuga est. sed enim non sustinet ultra perdere blanditias iuvenis deus, utque monebat</i>

## Quadro 2. Cont.

	<i>ipse Amor, admissio sequitur vestigia passu.</i>
	<i>ut canis in vacuo leporem cum Gallicus arvo</i>
	<i>vidit, et hic praedam pedibus petit, ille salutem;</i>
535	<i>alter inhaesuro similis iam iamque tenere</i>
	<i>sperat et extento stringit vestigia rostro,</i>
	<i>alter in ambiguo est an sit comprehensus et ipsis</i>
	<i>morsibus eripitur tangentialia ora relinquit;</i>
	<i>sic deus et virgo est, hic spe celer, illa timore.</i>
540	<i>qui tamen insequitur pennis adiutus Amoris,</i>
	<i>ocior est requiemque negat tergoque fugacis</i>
	<i>imminet et crinem sparsum cervicibus adflat.</i>
	<i>viribus absumptis expalluit illa citaeque</i>
544a	<i>victa labore fugae, spectans Peneidas undas,</i>
	<i>fer, pater,' inquit 'opem, si flumina numen habetis;</i>
547	<i>qua nimium placui, mutando perde figuram.'</i>
	<i>vix prece finita torpor gravis occupat artus;</i>
	<i>mollia cinguntur tenui praecordia libro;</i>
550	<i>in frondem crines, in ramos brachia crescunt;</i>
	<i>pes modo tam velox pigris radicibus haeret;</i>
	<i>ora cacumen habet, remanet nitor unus in illa.</i>
	<i>hanc quoque Phoebus amat positaque in stipite dextra</i>
	<i>sentit adhuc trepidare novo sub cortice pectus,</i>
555	<i>complexusque suis ramos, ut membra, lacertis</i>
	<i>oscula dat ligno; refugit tamen oscula lignum.</i>

Apesar dessa recusa, o que se segue aos versos aqui estampados é o desfecho do mito, com uma fala assertiva de Apolo sobre a sujeição do loureiro aos caprichos do deus, adornando também sua lira e seu arco, além das testas dos romanos em triunfo e do palácio do primeiro imperador (versos 557-565). À ninfa, agora silenciada, imobilizada, enraizada, resta, ao final, um movimento de aceitação conformista que a copa da árvore parece fazer (566-567), como se anuisse com a cabeça.

O desejo irrefreado de Febo é justificado no poema como efeito da flechada de Cupido decorrente de uma rivalidade pueril em versos prévios (452-473), contudo Dafne, mesmo antes de ser atingida pela seta de chumbo, já desdenhava do sexo e seguia os preceitos de Diana/Ártemis, a deusa casta das matas (474-489).

A tradução de um texto que não se posiciona claramente sobre temas sensíveis ou hipersensíveis exige mais da tradutora engajada, até mesmo certa intervenção: a inserção, por exemplo, de intertítulos que norteiam a leitura, como tem sido feito e já foi comentado, e a seleção de um repertório lexical marcado no poema traduzido, partindo de um levantamento de palavras-chave no poema em tradução e da elaboração de diagrama(s) de eixo(s) de interesse (Figura 1).



**Figura 1.** Metamorfose.

**Fonte:** autoria própria.

O excerto de 66 versos caracteriza a sedução persecutória como uma caçada: Apolo caça Dafne como o predador faz com sua presa, o que fica explicitado no símile do cão perdigueiro (533-539), depois de já ter sido feita a comparação com vítimas de outros predadores (504-507). A estratégia de fuga da ninfa, que se encerra com a metamorfose em árvore, é frustrada. Três temas se destacam no excerto: a fixação no corpo feminino, com a recorrência do verbo “ver” (em latim, *video*), configurando o *male gaze* sobre vários membros da ninfa; o furor da paixão que domina Febo, com termos no campo semântico do ardor; a caçada, que, entre tantos outros elementos, se delineia como fuga incessante da(s) vítima(s) e a repetição do verbo “fugir” (em latim, *fugio*) e do substantivo “fuga” (em latim, *fuga*). A decisão mais importante para a tradução foi descartar o verbo “amar” (em latim, *amo*) em favor de “desejar” (em latim, *cupio*), com o objetivo de salientar a motivação erótica, e não afetiva, da perseguição. Optou-se deliberadamente por “predador” para marcar o sujeito que não desiste da perseguição (em latim, *insequor*).

O verso hexamétrico do poema latino foi vertido em dodecassílabo, valorizando também ecos sonoros numa poesia que não é rimada, mas que

investe na anáfora e no poliptoto. Mesmo em latim, os versos não se sujeitam ao encadeamento de uma estrutura de subordinação extensa, o que favorece a opção tradutória pelas frases curtas, apostando mais no efeito da elocução, menos na continuidade narrativa. A seleção lexical é um importante marcador da atualidade do texto traduzido, ainda que se tenha preservado o uso mais tradicional do pronome pessoal de segunda pessoa singular e plural.

Em resumo

É preciso esclarecer que o poema traduzido que surge neste artigo não teve e não tem o propósito de servir para um estudo comparativo com outras traduções – feitas por homens ou mulheres, não importa. O que se procura demonstrar é a possibilidade consistente de concepção de um poema integral partindo-se da tradução refletida e crítica de apenas um excerto de um longo poema da Antiguidade que ainda tem uma função social residual para além de seu valor estético duradouro: o recorte do texto atribui a agência à ninfa, mesmo transformada em árvore; tratar o deus como um predador sexual abre um pouco as cortinas para a cena nem tão ficcional; o foco na fala ininterrupta de Febo por mais de vinte versos expõe o discurso supremacista em mais de um aspecto; enfim, a mitologia greco-romana revela-se vestígio da prolongada opressão à mulher.

Essa missão – heroica como deve ser o verdadeiro heroísmo – tem sido encampada por mulheres, nas universidades e não só, sem titubear, mesmo diante de argumentos insólitos e pouco sólidos a respeito do repertório poético da Antiguidade que, durante tantos séculos esteve, por assim dizer, sob a guarda de homens. Gareth D. Williams, excelente pesquisador de filosofia estoica e de outras áreas dos estudos clássicos, causa espanto quando afirma que “As *Metamorfoses* são por demais complexas, evasivas, alucinantes, perturbadoras e fascinantes para que sua essência seja facilmente capturada ou transmitida em palavras” (Williams, 2023, p. ix, tradução nossa).<sup>12</sup>

Mas quem aqui falou em “facilidade”?

Françoise Massardier-Kenney, no artigo “Caminhos para uma redefinição da prática feminista de tradução”, não poupa ninguém do questionamento sobre como tornar o feminino visível em textos que precedem o feminismo ou em contextos culturais em que o feminismo não é viável (Massardier-Kenney, 2022, p. 196). A estratégia feminista deve centrar-se na pessoa que escreve ou na que traduz, e o objetivo da tradução, mais do que um texto a servir ou a dominar, deve ser um evento cultural a *representar* (Massardier-Kenney, 2022, p. 209). Essa é a ação de trazer à superfície o que havia sido esquecido – ou suprimido – num poema em tradução.

<sup>12</sup> No original: “*The Metamorphoses is far too complex, slippery, maddening, troubling, and enthralling for its essence to be easily captured or conveyed in words.*”

## Referências

- CHAE, Yung In. Women who weave: reading Emily Wilson's translation of the *Odyssey*, with Margaret Atwood's *The Penelopiad*. Eidolon, cidade, 16 nov. 2017. Disponível em: <https://eidolon.pub/women-who-weave-c3a8dd322447>. Acesso em: 15 set. 2024.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Uma discussão sobre o machismo e a misoginia no mundo da tradução literária. *Helena – uma revista de ideais, artes e cultura*, Curitiba, n. 11, 2019. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Helena/Noticia/O-homem-complicado> Acesso em: 14 set. 2024.
- HOMER. *The Odyssey*. Tradução de Emily Wilson. New York: W. W. Norton, 2017.
- KAHN, Madeleine. Why are we reading a handbook on rape? Young women transform a classic. *Pedagogy: Critical Approaches to Teaching Literature, Language, Composition, and Culture*, Durham, n. 3, v. 4, p. 438-460, 2004. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/173755/pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- MASON, Wyatt. The first woman to translate the 'Odyssey' into English: the classicist Emily Wilson has given Homer's epic a radically contemporary voice. *The New York Times Magazine*, Nova York, 2 nov. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/11/02/magazine/the-first-woman-to-translate-the-odyssey-into-english.html> Acesso em: 14 set. 2024.
- MASSARDIER-KENNEY, Françoise. Caminhos para uma redefinição da prática feminista de tradução. Tradução: Emanuela Carla Siqueira e Marcela Lanius. *Revista X*, Curitiba, v. 17, n. 1, p. 192-212, mar. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/84391>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- MCCARTER, Stephanie. Introduction. In: OVÍDIO. *Metamorphoses by Ovid*. Tradução de Stephanie McCarter. Nova York: Penguin Books, 2022. p. XV-XXX.
- MCCARTER, Stephanie. Rape, Lost in translation. *Electric Literature*, Nova York, 1 maio 2018. Disponível em: <https://electricliterature.com/rape-lost-in-translation/>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- OVÍDIO. *P. Ovidi Nasoni Metamorphoses*. Ed. R. J. Tarrant. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2004. (Oxford Classical Texts).
- OVÍDIO. *Metamorphoses by Ovid*. Tradução de Stephanie McCarter. Nova York: Penguin Books, 2022.
- OVÍDIO. *As metamorfoses*. Edição bilíngue com apresentação, tradução e glossário. Organização de Zilma Gesser Nunes; Mauri Furlan. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução, introdução e notas de Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023.

- TARRANT, Richard J. *Ovid: Metamorphoses*. Stephanie McCarter. Review. Disponível em: <https://bmcr.brynmawr.edu/2023/2023.08.39/>. Acesso em: 15 set. 2024.
- VENUTI, Lawrence. Spokesperson, Intellectual, and... More? On the new and shifting role of the translator. *Literary Hub*, Nova York, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://lithub.com/spokesperson-intellectual-and-more-on-the-new-and-shifting-role-of-the-translator/> Acesso em: 20 jul. 2024.
- VILENSKY, Mike. Schools out at Columbia, but a debate over trigger warnings continues. *The Wall Street Journal*, Nova York, 1 jul. 2015. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/schools-out-at-columbia-but-a-debate-over-trigger-warnings-continues-1435771607>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- WILLIAMS, Gareth D. *On Ovid's Metamorphoses*. Nova York: Columbia University Press, 2023. (Core Knowledge).
- WILSON, Emily. A translator's reckoning with the women of the Odyssey. *The New Yorker*, Nova York, 8 dez. 2017. Disponível em: <https://www.newyorker.com/books/page-turner/a-translatorsreckoning-with-the-women-of-the-odyssey> Acesso em: 20 jul. 2024.
- ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead white men: Classics and misogyny in the digital age*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018.

**Renata Cazarini de Freitas.** Professora de latim e de literatura latina na Universidade Federal Fluminense (UFF), *campus* Gragoatá, em Niterói. É tradutora de textos filosóficos e poéticos do latim ao português brasileiro. Orienta projetos de pesquisa na área de tradução feminista e engajada, bem como de recepção dos clássicos. Escreve sobre teatro antigo na cena atual no blog <https://palcoclassico.blogspot.com/>.

**E-mail:** [recazarini@id.uff.br](mailto:recazarini@id.uff.br)

#### **Declaração de Autoria**

Renata Cazarini de Freitas declarada autora, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho:

1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito;
3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

#### **Parecer Final dos Editores**

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

**Recebido em:** 15/09/2024

**Aceito em:** 15/12/2024